

TRADUTOR(A) *IN MEMORIAM*: USO DE MEMÓRIAS DE TRADUÇÃO

Mariana Ormenese Dias³²⁶

Resumo: Este artigo visa fomentar a discussão sobre a Tradução Técnica e o uso das Memórias de Tradução nesse nicho de mercado, prática bastante difundida devido à facilidade da criação instantânea desses arquivos nas CAT Tools ainda durante o processo de tradução, podendo ser uma criação inclusive colaborativa, online, de aplicabilidade imediata. Uma Memória é uma espécie de banco de dados que armazena "segmentos" de texto, sendo hoje a base dos trabalhos técnicos feitos em grande escala e um dos principais controles sobre a produtividade do tradutor. Os aproveitamentos desses segmentos alteram o processo de criação durante a tradução e o controle da consistência, além de aumentar a padronização dos textos. Muitas vezes, a fragmentação verificada em textos técnicos traduzidos resulta de aproveitamentos de memórias de trabalhos anteriores, nos quais não há menção de autoria, explicitando uma invisibilidade do tradutor, que ainda é pouco discutida na área técnica, em especial quando os textos são traduzidos por intermédio de uma agência de traduções. Mediante as reflexões apresentadas, questionamos, por exemplo: quanto o controle dos aproveitamentos por porcentagem e das correspondências parciais de memória influencia no estilo próprio dos tradutores e nos ganhos referentes a cada trabalho? Ou ainda: colocar segmentos em porcentagem de equivalência é mais um fator de apagamento profissional? Enquanto vemos a tecnologia e a automatização do trabalho de tradução ganhando cada vez mais força, vemos também a necessidade de refletir o *modus operandi* do universo da tradução técnica no Brasil.

Palavras-chave: Tradução. Tecnologia. Memória. CAT Tools.

Abstract: This article aims to discuss about Technical Translation and the use of Translation Memories, a widespread practice since it is easy to create memory files in CAT Tools even while the work is being carried out, and it can even be a collaborative and online creation, which can be applied immediately. Translation Memory is a kind of database that stores "segments" of texts, being now the basis of large-scale technical work and one of the main controls on translator's productivity. The uses of such segments alter the creation process during the translation and also the control over consistency, besides increasing the standardization of the texts. Often, the fragmentation verified, especially in technical translation works, results from the use of memories from previous works, in which there is no mention of authorship, making the invisibility of the translator explicit, and a point which is poorly discussed in technical area, especially when texts are translated via translation agencies. Some questions come from the reflections presented, for instance: at what extent the control of the uses by percentage and the use of fuzzy matches influence in translators' own style and in the gains related to each work? Or, putting segments in percentage of equivalence is an additional factor for professional deletion? As we see technology and automation of translation work gaining more and

³²⁶ Mestranda em Linguística Aplicada, Unicamp, mariana_ormenese@yahoo.com.br. Financiamento: CNPQ: (133764/2017-6).

more strength, we feel reflecting on the *modus operandi* of the universe of technical translation in Brazil is a must.

Keywords: Translation. Technology. Memory. CAT Tools.

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é ser mais um fomento de reflexão aos profissionais da tradução sobre o uso dos arquivos de Memórias de Tradução e suas atuais consequências para o tradutor e sua atuação como agente no processo de criação de conteúdos traduzidos, uma vez que a adoção das *CAT Tools* (Computer-Assisted Translation Tools), ferramentas responsáveis pela criação e armazenamento das Memórias de trabalho da tradução, segue sendo cada vez mais difundida e abrangente entre os profissionais da área.

Nas últimas décadas, o avanço da tecnologia da informática criou softwares mais completos e funcionais desenvolvidos para a prática da tradução e essas novas ferramentas transformaram profundamente a dinâmica de trabalho do tradutor. Também houve um avanço significativo na demanda por tradução à medida que a globalização deixou de ser um conceito e passou a ser uma realidade mundial; um planeta cada dia mais integrado e intercambiado fez com que o volume de textos a serem traduzidos para os mais diversos idiomas passasse a ser muito maior. Graças ao crescimento da demanda por tradução houve também um investimento maciço em novas tecnologias, que facilitam e otimizam o trabalho dos tradutores, trazendo economia de tempo e de recursos para aqueles que contratam um trabalho de tradução. Por sua praticidade e benefícios econômicos, as *CAT Tools* foram rapidamente difundidas e, junto com elas, surgiram as Memórias. As Memórias de Tradução nada mais são do que arquivos em formato eletrônico gerados pelas *CAT Tools* de forma imediata durante o processo de tradução e que salvam e armazenam todo o histórico de segmentos traduzidos para um determinado cliente e um determinado tipo de assunto, por exemplo, se tornando um grande aglomerado de segmentos salvos isoladamente, que pode ser usado em qualquer projeto de tradução posterior, sem que seu contexto original seja necessariamente preservado, tampouco preservando a identidade do tradutor que realizou o trabalho. Pagar por uma produção textual uma única vez e poder usá-la quantas vezes for conveniente passou a ser bastante lucrativo e eficiente, tornando essa prática muito popular no mercado, em especial nos trabalhos realizados por meio de agências de tradução, que lidam com prazos

escassos, uma enorme demanda de trabalho e uma extrema exigência de qualidade. Porém, diante de tantas transformações e inovações em seu meio de trabalho, os tradutores que atuam em contexto de agências de tradução passaram a ter sua identidade ocultada e a trabalhar com base em fragmentos de textos, além de ver o seu trabalho se tornar fragmentos também. Essa fragmentação em alguns ramos da tradução técnica resulta de aproveitamentos de arquivos de memórias gerados durante trabalhos anteriores, sem autoria explícita, apagando não só os profissionais responsáveis pela alimentação das memórias, mas também a memória desses profissionais, as condições de produção do texto, as reflexões que permearam cada escolha tradutória, dentre outras particularidades. Por trás desse processo rotineiro de empresas prestadoras de serviços de tradução, o profissional tradutor acaba trabalhando como uma máquina geradora de arquivos o que, por sua vez, pode fazer com que ele seja tratado como tal, recebendo conforme o percentual de aproveitamento que utilizou das memórias já existentes e atreladas a cada novo projeto que realiza, sem que sejam consideradas as reflexões inerentes à criação dos textos traduzidos.

2. ARQUIVOS, MEMÓRIAS, ESQUECIMENTO

A discussão sobre arquivos e memórias de tradução pode ser ampliada, considerando Jacques Derrida, em seu texto “Mal de arquivo - uma impressão freudiana”, quando ele afirma:

“Não comecemos pelo começo nem mesmo pelo arquivo. Mas pela palavra “arquivo” – e pelo arquivo de uma palavra tão familiar. Arkhê, lembremos, designa ao mesmo tempo o começo e o comando. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam — princípio físico, histórico ou ontológico —, mas também o princípio da lei ali onde os homens e os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada — princípio nomológico (DERRIDA, 2001, p. 11).

No atual universo automatizado da tradução em escala “industrial” ou de “linha de produção”, o documento gerado a partir dos trechos traduzidos armazena o resultado do trabalho desenvolvido por vários tradutores, pois devido ao extenso volume de trabalho, raramente apenas um profissional assume todas as traduções de um determinado cliente, por exemplo, sendo, assim, o único alimentador daquela memória. Nesse aspecto, como bem pontua Francisco Rüdiger (2011, p. 122) em seu artigo “Subjetividade e novas tecnologias de comunicação”, percebe-se que “os sujeitos [tradutores] se tornam cada vez

mais instáveis, múltiplos e difusos”. Muitos profissionais trabalham em textos semelhantes para o mesmo cliente final e esses textos são entrelaçados pelo uso das Memórias e seu aproveitamento e, no resultado final da tradução, já não se pode afirmar que há apenas um tradutor responsável pelo texto. “Através da máquina, começamos a viver situações em que não apenas o referido “eu” tornou-se múltiplo, fluido e aberto, mas, além disso, está surgindo uma nova forma de identidade [ou falta dela/anonimato]” (RÜDIGER, 2011, p. 2).

Considerando o pensamento foucaultiano, o arquivo mantém uma relação íntima com o passado, porém não se limita ao lugar reservado a guardar os documentos pertencentes à memória coletiva. Conforme essa perspectiva, o arquivo é antes um espaço epistêmico de visibilidade de um determinado saber junto ao qual são desenvolvidas práticas, discursos e mecanismos de organização, de disposição e de autorização desse mesmo saber (FOUCAULT, 2007). Nesse caso, o arquivo corresponde às condições de possibilidade da constituição de determinada formação discursiva e cultural em um dado momento histórico do saber.

Em “A Celebração do Outro”, Coracini (2007, p. 9) pontua que

a memória, portanto, o interdiscurso, são as inúmeras vozes, provenientes de textos de experiências, enfim do outro, que se entrelaçam em uma rede [...]. Essa rede conforma e é conformada por valores, crenças, ideologias, culturas que permitem aos sujeitos ver o mundo de uma determinada maneira e não de outra...

Ou seja, as marcas de singularidade do sujeito não deveriam ser ocultadas; no entanto, ao se usar as Memórias de tradução de forma comercial e abrangente como é feito hoje, as questões de identidade do tradutor e como lidar com isso precisam ser discutidas e trazidas à tona para que os agentes do processo tradutório não sejam meros coadjuvantes de um produto final comercial. Da forma automatizada como os trabalhos têm sido feitos, a singularidade de cada tradutor, e talvez até de cada texto, pode estar se perdendo completamente.

Ao fazer uma análise a partir de Roudinesco (2006) e Derrida (2001), constata-se que o documento também é constituído pelos interesses presentes no momento da sua produção; arquivar é uma escolha, no entanto, em seu uso comercial, os arquivos de tradução reunidos em formato de Memórias se tornam atemporais. Considerando que o seu uso mais recorrente acontece em textos da área técnica, elas podem ser amplamente

usadas e reaproveitadas, pois há muitos textos com ocorrências de trechos semelhantes ou idênticos (os *fuzzy matches*) nessa área da tradução. Devido ao fato de os textos técnicos seguirem normalmente uma padronização de estilo e glossário específicos, os segmentos armazenados nas memórias se tornam bastante semelhantes, ocultando já, de certa forma, a autoria da tradução, sendo comum que os textos técnicos não demonstrem o estilo do tradutor e sim somente o estilo aprovado e padronizado pelo cliente, geralmente uma empresa que opta pela padronização do estilo de sua documentação e publicações.

O uso das memórias torna o texto técnico final traduzido uma colcha de retalhos de segmentos e autorias, o que nos remete a uma afirmação de Rüdiger (2011, p. 2) que diz que “a identidade torna-se fragmentada quando convertemos o que somos de múltiplas maneiras”; os tradutores técnicos prestadores de serviços para agências de tradução se veem obrigados a fragmentar sua autoria e sua produção com outros sujeitos tradutores na produção de um texto final. Os textos técnicos finais trabalhados dessa forma são constituídos por fragmentos novos que estão sendo traduzidos por um profissional enquanto são mesclados com trechos (segmentos) aproveitados de traduções anteriores, feitos em contextos diferentes e, muitas vezes, por outra pessoa. Em suma, os textos traduzidos nessas condições mesclam autorias e identidades de diferentes tradutores sem que isso possa transparecer para o leitor final.

O mercado globalizado e ávido por rapidez e produtividade adotou em larga escala o aproveitamento de Memórias, tornando, em especial, o tradutor da área técnica, prestador de serviços em agências de tradução, um mero produtor de material anônimo, em forma de segmentos isolados, sem nome, sem autoria, sem poder deixar transparecer o seu estilo, para que seja sempre mantida a padronização do arquivo de Memória, conforme as preferências de cada cliente, e para que estes clientes possam usar essas Memórias sempre, não somente como referência de consulta para futuras traduções, mas principalmente como um aproveitamento de material já pronto, revisado e aprovado, sem pagar nada mais por isso.

Nesse mercado que produz um imenso volume de textos traduzidos, “o lugar de memória parece estar na contramão do excesso de arquivo que muitas vezes gera o mal de arquivo, onde há excesso de matéria, de material, de documentos e objetos, há também falta de escrita, de escritura” (PINTO, 2013, p. 3). Para Roudinesco (2006), a escritura é o processo de historicizar o documento, trazer à tona a sua história, torná-la acessível à pesquisa, confrontá-la, torná-la viva, e o aproveitamento do mesmo trabalho em diferentes

contextos faz com que a história do documento original se perca totalmente durante o processo de produção.

Conforme o formato de produção adotado hoje, que é objeto do presente artigo, uma vez entregue o trabalho de tradução, as memórias geradas passam, então, a ser propriedade dos clientes que contratam o serviço de tradução da agência e não mais do tradutor. O profissional de tradução, muitas vezes e inclusive por questões de confidencialidade previamente acordadas entre o tradutor e a agência de tradução, não pode manter consigo os arquivos de memória gerados durante o seu trabalho, eles devem ser devolvidos juntamente com o texto no formato final de tradução, ou seja, quem traduz não pode manter consigo as memórias do seu próprio trabalho. Conforme Heymann (2005, p. 50), “o acervo do titular (...) é aproximado da noção de ‘legado’ histórico, inserindo-se no universo dos bens simbólicos reunidos sob a chancela do ‘patrimônio’ ou da ‘história’” (grifos do autor), história e patrimônio que pertencem ao tradutor, mas que não podem ser preservados por ele mesmo.

Os clientes, por sua vez, além de deterem para si o trabalho do tradutor, agora perpetuado também em forma de Memória, contratam os serviços de tradução uma única vez e, conseqüentemente, pagam por ele uma única vez, mas os trechos traduzidos e armazenados nas memórias podem ser aproveitados infinitas vezes sem que aquele(a) que produziu o texto possa ter controle, tampouco receber pela sua produção que está sendo difundida em novos textos. O seu trabalho, por meio desse procedimento, se tornou fragmentos que ajudam a alimentar uma grande memória de tradução do cliente e que integrarão partes de textos subsequentes.

Quando consideramos que os “arquivos”, que no caso seriam as memórias, são o *locus* dos registros, o histórico de um texto e toda a sua produção, fruto de pesquisas terminológicas e aplicação de conhecimentos do profissional que os produziu, percebemos que o amplo uso das Memórias de tradução, principalmente por meio das *CAT Tools*, tem apagado o histórico de produção textual como um todo dentro do nicho específico de trabalho considerado nesse artigo. O histórico criado por quem traduz já não existe mais, tampouco os textos novos produzidos diariamente por meio do uso de Memórias trazem consigo todo o histórico de sua autoria, visto que eles também são produzidos com base na memória e aproveitando os segmentos idênticos ou semelhantes já produzidos anteriormente, os chamados *fuzzy matches*. Os profissionais de tradução que trabalham com textos da área técnica contratados por agências de tradução que têm

por prática a geração e o uso de Memórias, em geral, são comunicados formalmente de que não terão a sua autoria registrada graças a um padrão que foi estabelecido e imposto na área, diferentemente do direito já conquistado pelos tradutores literários, que muitas vezes têm o seu nome divulgado na obra em que trabalharam. Dessa forma, os profissionais da área técnica em questão ainda precisam trabalhar sem produzir um texto completamente seu, sem ter sua autoria preservada e devidamente valorizada, mesmo a Memória de tradução sendo uma criação intelectual de quem traduz e não um trabalho meramente automático.

Conforme bem pontuado por Derrida (2001), “o poder permanentemente arquiva e destrói o arquivo”, afirmação que nos leva a fazer uma analogia entre o poder e a produção na tradução, sendo os clientes de tradução os detentores do “poder” sobre a “produção” do tradutor, que hoje, graças às Memórias, podem arquivar ou destruir o histórico do trabalho de quem traduz, levando a sua autoria ao esquecimento, apagando cada vez mais a figura por trás da tradução, bem como sua identidade.

A discussão e a reflexão em torno da tecnologia como mediadora do trabalho do tradutor, sua evolução e aplicabilidade de mercado, o que inclui o uso das Memórias de tradução, vêm crescendo constantemente nos últimos anos, haja vista o aumento de publicações acadêmicas abordando o tema, o que naturalmente evidencia o assunto entre os agentes do processo e também entre os tradutores em formação. Hoje, vemos periódicos como o *HERMES - Journal of Language and Communication in Business* dedicarem edições inteiras, como a de número 56, à temática "Translation Technology Research in Translation Studies", onde há vários artigos discutindo o papel do tradutor diante da nova realidade imposta pelo uso em larga escala da tecnologia na tradução. Há também um aumento no número de artigos publicados no Brasil discutindo os efeitos dessa tecnologia no trabalho do tradutor, onde encontramos reflexões como as propostas por Stupiello,

“As condições de produção de trabalhos de tradução em meio eletrônico, especialmente para a indústria da localização, favorecem o deslocamento da responsabilidade tradutória pelo trabalho final. A obtenção do desempenho esperado atrela-se necessariamente à observância de regras predefinidas para o trabalho com o texto, de forma que a conclusão de uma tradução promova o desenvolvimento de trabalhos futuros, em que trechos de textos traduzidos tornem-se úteis para aumentar o rendimento do tradutor, reduzindo, desse modo, custos e prazos”. (STUPIELLO, 2012, p. 85)

Diante de reflexões pautadas em temáticas como tradução e tecnologia, visibilidade e ética do tradutor, se faz urgente a reflexão sobre como os papéis dos agentes

do processo de tradução têm sido alterados e influenciados pelo novo modo de trabalhar e enxergar a tradução em contextos de grandes volumes de trabalho, prazo curto, clientes exigentes e uma demanda enorme em áreas como a tradução de textos técnicos em geral. Stupiello afirma também em seu artigo “Tecnologias de tradução: implicações éticas para a prática tradutória”

“[...] no momento em que a atuação do tradutor é ocultada ou relegada a um segundo plano em relação ao desempenho de ferramentas como aos sistemas de memórias, sua relação com o texto que traduz limita-se ao pequeno espaço que lhe é permitido intervir no texto”. (STUPIELLO, 2012, p. 86)

Ponderando as evidências já mencionadas de que a presença e influência da tecnologia sobre a tradução parecem ser hoje um caminho sem volta e que cabe, então, aos envolvidos no processo refletirem sobre as consequências que tal influência tem gerado, podemos nos apoiar na afirmação de Derrida (2001), considerando que as tecnologias aqui discutidas “afetam nada menos que o direito de propriedade, o direito de publicar e de reproduzir” (p. 29-30). O profissional de tradução produz seu texto, aplica seus conhecimentos durante o seu trabalho, no entanto, ao entregar o texto final, ele não pode mais aproveitar tal produção, pois ela se torna propriedade de seu cliente, e somente o cliente pode aproveitar os textos e o conhecimento ali empregado como melhor lhe convier. Igualmente, podemos considerar que Freud (apud DERRIDA, 2001) também desconstruiu e analisou o uso de arquivos, vinculando essa prática a uma prática de poder, algo patriarcal, com o qual podemos tecer novamente um paralelo com a prática da tradução usando *CAT Tools* que geram e aproveitam Memórias: o cliente paga o tradutor uma única vez e adquire, por meio das Memórias, o “poder” de usar a produção textual do outro (o tradutor) quantas vezes lhe for conveniente sem precisar pagar a mais por isso, tampouco tendo a obrigação de atribuir autoria a tais textos e arcar com as responsabilidades de reprodução de materiais com autoria determinada.

A praticidade e a aceleração do processo de produção de textos traduzidos, possibilitadas pelas ferramentas de tradução (*CAT Tools*) e, especialmente, pelas memórias que elas produzem, revolucionaram de forma quase definitiva o mercado e a forma de trabalho dos profissionais da área técnica, prestadores de serviços para agências de tradução; no entanto, graças a elas também, como afirma Derrida, o conhecimento dos arquivos, da memória, da história podem levar à sua preservação ou ao seu apagamento. Temos aqui a possibilidade de preservar uma produção textual e perpetuá-la e também a possibilidade de apagar a figura do profissional e toda a sua produção.

Os interesses econômicos, a rapidez e a agilidade do processo de tradução levaram a essa mecanização dos procedimentos, dos arquivos, das memórias e esse parece ser um processo em constante evolução, pois os softwares que possibilitam tal automação têm sido cada vez mais aperfeiçoados e cada vez mais clientes têm aderido ao uso deles e das Memórias; portanto, essa parece ser uma prática que veio para ficar no mercado. Sendo assim, cabe agora aos tradutores se adaptarem à nova realidade imposta, com suas vantagens e desvantagens no processo de produção de seus textos, sem nunca deixar de refletir sobre as consequências que cada mudança traz à área.

O uso das Memórias tem sido aclamado e elogiado com base em seus benefícios de rapidez e lucratividade, como vemos no descritivo de uma famosa *CAT Tool*

"[...] sophisticated solutions have taken the concept of translation memory beyond its original limits. New features allow you not only to make the most of conventional translation memory technology, but add numerous features which can accelerate translation and simplify many tasks" (SDL Trados).

No entanto, há que se considerar que tamanha automação também esbarra em dificuldades técnicas como, por exemplo, a possibilidade de disseminação de erros de tradução, erros de terminologia, entre outros. Como um segmento é traduzido uma única vez e já passa a ser parte da Memória e ser usado sempre que houver repetições ou semelhanças no texto de partida que está sendo trabalhado, um segmento que contenha um erro de tradução que afete o sentido de uma instrução técnica em um manual, por exemplo, pode continuar sendo usado diversas vezes antes que tal erro seja detectado, corrigido e o segmento seja retirado ou alterado na Memória. Sob este aspecto, o uso meramente mecânico dos segmentos da Memória pode ser problemático ou não tão econômico quanto o mercado deseja, pois requer os trabalhos de um profissional de revisão para conferir os segmentos de aproveitamento ou envolve o risco de perpetuar um erro nos diversos trabalhos desenvolvidos a partir da Memória gerada erroneamente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a expansão das tecnologias de criação de arquivos em forma de Memórias de tradução, fica clara a necessidade de ponderarmos pelo equilíbrio entre a economia de tempo e de recursos financeiros dos clientes, a valorização do trabalho intelectual desenvolvido pelo tradutor e a qualidade do texto final. Se por um lado, a relação tempo- dinheiro é uma realidade das grandes empresas (maiores consumidoras de

traduções técnicas) e já está arraigada à procura por serviços de tradução rápidos e lucrativos (representados hoje pelo uso dos softwares de *CAT Tools* e das Memórias de Tradução), por outro lado, remetemos à Lei de Direitos Autorais brasileira que, em seu artigo de número 24, inciso II, deixa claro que o principal direito moral do autor (e, portanto, também de quem traduz, autor de obra derivada) é o direito de ver o seu nome ligado à obra que criou. E, paralelamente a essa problemática, aparece a questão da qualidade do texto, que impacta diretamente os usuários finais a quem são direcionadas as traduções. Erros perpetuados em memórias automatizadas podem propagar desde problemas de ortografia até distorções de informações cruciais, que envolvem riscos ao usuário final. Toda a questão da invisibilidade e da ética profissional que a aplicação da tecnologia nos moldes atuais tem proporcionado nos leva a situações, como a pontuada por Stupiello (2012) “[...] Essa restrição da atuação do tradutor limita também a medida de sua responsabilidade, já que não seria cabível ele responder por um trabalho do qual só traduziu trechos e que desconhece na íntegra”; situações essas que ainda requerem bastante discussão para que se chegue, idealmente, a um ponto de equilíbrio entre as diversas variáveis que compõem o complexo processo de produção de textos traduzidos em larga escala em setores que têm grande produção textual, como é a área das traduções de especialidades de determinados setores da indústria.

Diante das reflexões propostas no presente artigo, consideramos que a evolução do universo das traduções técnicas mediadas pela tecnologia deve entrar em uma nova fase, já não exclusivamente tecnológica, mas sim mais abrangente, considerando os três pilares básicos que envolvem sua produção: o cliente, o tradutor e a qualidade. Esses três pilares dependem uns dos outros para que o trabalho final seja satisfatório, rápido e eficiente, mas também justo com os profissionais que o produzem e adequado em seu resultado final. Não basta evoluirmos somente em tecnologia, construirmos Memórias enormes que aproveitem muitos segmentos e agilizem o processo tradutório, se tivermos profissionais apagados, sem a devida valorização pelo trabalho que desempenham e todo o repertório intelectual que aplicam em suas produções, e ainda se tivermos um resultado final que mais parece uma colagem de textos de vários autores e que pode conter erros perpetuados por seu uso indevido, visando apenas ao lucro, sem atentar para a sua qualidade e real possibilidade da empregabilidade em cada novo trabalho.

Com as constantes inovações apresentadas nas atualizações periódicas das *CAT Tools* já existentes, com o frequente lançamento de novos softwares e plataformas em

nuvem desenvolvidos para mediar o trabalho do tradutor em termos de ferramentas tecnológicas e também com o aumento perceptível das discussões sobre a relação tecnologia e tradução por meio de artigos acadêmicos e publicações sobre essa temática no Brasil e no exterior, fica evidente que se trata de um tema relevante por sua abrangência, porém que ainda demanda muitos estudos e reflexões sobre suas implicações, especialmente se considerarmos o enorme volume de textos produzidos atualmente no mundo e que são frutos de tradução. Diante de um cenário onde a tecnologia não é somente mais um meio, mas sim protagonista nas transformações da área da Tradução, algumas questões geradas por essa nova realidade demandam maior aprofundamento a fim de promover um uso adequado da tecnologia, que favoreça o trabalho e o ganho de tempo diante de volumes sempre crescentes de textos a serem traduzidos para os mais diversos idiomas, porém sempre considerando o trabalho humano como peça fundamental na produção intelectual que perpassa todo e qualquer texto em processo de tradução.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade — línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- HERMES - Journal of Language and Communication in Business. <https://tidsskrift.dk/her/index>
- HEYMANN, L. Q. Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.1, n 36, 2005.
- PINTO, S. L.A. Museu e arquivo como lugares de memória. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 1, n. 3, 2013.
- ROUDINESCO, E. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- RÜDIGER, F. Subjetividade e novas tecnologias de comunicação. *Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação*. Porto Alegre, 2000.
- STUPIELLO, E. N. A. Tecnologias de tradução: implicações éticas para a prática tradutória. *Tradterm*, v. 19, p. 71-91, 2012.